



CORPO, GÊNERO E AGÊNCIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO SKATE E DO SURFE FEMININOS EM ARACAJU, SERGIPE

CORPO, GÉNERO Y AGENCIA: UN ANÁLISIS DEL SKATEBOARD Y SURF FEMENINOS EN ARACAJU, SERGIPE

BODY, GENDER AND AGENCY: AN ANALYSIS OF FEMALE SKATEBOARDING AND SURFING IN ARACAJU, SERGIPE

Letícia Oliveira Feijão Galvão¹

RESUMO

Neste trabalho, busco investigar como a prática do surfe e do skate para jovens mulheres, na cidade de Aracaju, pode ser vista como um recurso de reivindicação política do espaço público e de consolidação das agências acionadas por essas mulheres. O objetivo principal da pesquisa que culminou no presente artigo foi verificar como a ação coletiva se tornou um recurso essencial nesse sentido. Os métodos utilizados foram a observação direta de ambientes onde são praticados ambos os esportes e a realização de entrevistas semiestruturadas com skatistas e surfistas aracajuanas. Foi possível inferir que a vinculação ao skate, ao surfe e aos estilos de vida associados a eles, proporciona às mulheres que os praticam um sentido de agência diante das suas respectivas realidades, na medida em que são tensionadas normas de gênero pré-instituídas para a conduta das mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Corpo. Skate. Surfe.

RESUMEN

En este trabajo busco investigar cómo la práctica del surf y el skate entre mujeres jóvenes, en la ciudad de Aracaju, puede ser vista como un recurso para reivindicar políticamente el espacio público y consolidar las agencias operadas por estas mujeres. El principal objetivo de la investigación que culminó en este artículo fue comprobar cómo la acción colectiva se ha convertido en un recurso imprescindible en este sentido. Los métodos utilizados fueron la observación directa de los ambientes donde se practican ambos deportes y entrevistas semiestructuradas a patinadores y surfistas de Aracaju. Fue posible

¹ Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe (PPGS/UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

inferir que la conexión con el skate, el surf y los estilos de vida asociados a ellos, proporciona a las mujeres que los practican un sentido de agencia frente a sus respectivas realidades, en la medida en que las normas de género preinstauradas para el deporte son tensa la conducta de las mujeres.

PALABRAS-CLAVE: Skateboard. Surf. Cuerpo. Género.

ABSTRACT

In this work, I seek to investigate how the practice of surfing and skateboarding for young women, in the city of Aracaju, can be seen as a resource for politically claiming public space and consolidating the agencies operated by these women. The main objective of the research that culminated in this article was to verify how collective action has become an essential resource in this sense. The methods used were direct observation of environments where both sports are practiced and semi-structured interviews with skaters and surfers from Aracaju. Based on field experience and contact with specialized literature, it was possible to infer that the connection to skateboarding, surfing and the lifestyles associated with them, provides women who practice them with a sense of agency in the face of their respective realities, to the extent that pre-established gender norms for women's conduct are strained.

KEYWORDS: Body. Gender. Skateboarding. Surfing.

* * *

Introdução Revista



O corpo e as múltiplas problemáticas que o atravessam são elementos em crescente investigação no campo das Ciências Humanas e Sociais e também das Ciências da Saúde. Maurice Merleau-Ponty (2012, p. 122), em *Fenomenologia da Percepção*, escreveu que “o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”. A partir desse raciocínio, diversas áreas do conhecimento buscaram responder a diversos questionamentos sobre o que significa, afinal, ter um corpo, habitá-lo e socializar a partir dele. Os desdobramentos desses questionamentos podem ser vistos em campos como a Fenomenologia, a Sociologia e a Antropologia do corpo; mais precisamente orientadas a partir de colocações como “o corpo é o vetor pelo qual a relação semântica com o mundo é construída”, como frisa o sociólogo e antropólogo David Le Breton (2017, p. 7). Neste artigo, busco trazer o corpo para o centro da minha análise de forma similar, sendo compreendido como um vetor de práticas individuais e coletivas que afirmam determinadas configurações identitárias, a partir dos estilos de vida que se formam através da prática do surfe e do skate (ou *skateboarding*), considerados esportes radicais por seus praticantes e por organizações especializadas.

Considerando que um dos papéis da pesquisa socioantropológica é investigar as dinâmicas subjacentes aos mais diversos grupos sociais, é importante lançar um olhar a áreas geográficas que não recebem tanto destaque a nível nacional. Neste trabalho, me voltarei à capital do estado brasileiro de Sergipe, Aracaju: uma cidade de médio porte², localizada na beira da praia, onde as práticas do skate e do surfe se cruzam.

A prática do skate como esporte e estilo de vida já é uma temática explorada a partir de variáveis como gênero e corpo (Machado, 2012; Goellner; Figueira, 2013; Bandeira; Rubio, 2011; González, 2022), moda (Banhetti; Pozza, 2016), cidades, territórios e espacialidade (Boes, 2017; Martini, 2012; Machado, 2014), juventudes (Uvinha, 2001) e políticas públicas (Menezes et al, 2019), o que permite a construção de diálogos com áreas como a Educação Física, História, Comunicação Social, Urbanismo e mesmo com disciplinas das ciências exatas, como Física e Matemática (Trens; Moreira, 2013). Os estudos sobre o surfe, por sua vez, se estendem sobre sua influência na sociedade brasileira através da mídia (Fortes, 2008) e da adoção dos seus respectivos estilos de vida pelos jovens (Fortes; Melo, 2012).

Meu interesse pelo tema surgiu a partir da minha inserção em ambos os esportes/estilos de vida, o que me gerou uma série de indagações a respeito das suas dinâmicas internas. Ao frequentar espaços voltados à prática do surfe e do skate - *picos*, como são comumente chamados - em capitais nordestinas litorâneas como Aracaju, Fortaleza e Recife, percebi que eu era, em muitos momentos, a única mulher nesses espaços, ou uma de poucas - o que desencadeava posturas distintas por parte dos rapazes ali presentes das que normalmente adotariam diante de outros homens³, e que me gerou a seguinte pergunta: onde estão as mulheres nesses espaços? Esse questionamento me levou à construção do problema de pesquisa da minha tese de doutorado, cujas principais questões de pesquisa também norteiam o presente artigo.

Contudo, ao mesmo tempo em que o número reduzido de mulheres nesses *picos* era algo visível, também notei o crescimento de redes de skatistas e surfistas mulheres *online*, como em grupos no Whatsapp e páginas no Instagram, que viabilizavam saídas em grupo e encontros de praticantes locais. Essas páginas, além disso, também dialogavam com propostas de movimentos sociais como o antifascismo e o feminismo. A prática feminina do surfe e do skate me pareceu possuir, portanto, um forte caráter de

² Aracaju possui uma área de cerca de 181.9 km² e uma população de aproximadamente 660 mil habitantes.

³ Como condutas paternalistas e o desrespeito a determinadas regras popularmente instituídas em mares e pistas de skate.

coletividade e de politização nesses contextos - o que me levou à formulação do meu problema de pesquisa para o meu projeto de tese de doutorado, que dialoga diretamente com o tema deste artigo: como a prática do skate e do surfe pode agir como um recurso de reivindicação feminina do espaço público na cidade de Aracaju e qual é o papel da ação coletiva nesse contexto?

A desproporção entre homens e mulheres no surfe e no skate pode ser constatada se consultarmos desde revistas especializadas que circularam entre os jovens durante as décadas de 1980 e 1990⁴, representadas em sua maioria por modelos masculinos, até matérias recentes veiculadas em jornais de grande circulação^{5,6}. Entretanto, se nos voltarmos para os discursos das mulheres que aderem a esses esportes (e que por vezes até os tornam suas fontes de renda), é possível perceber, em muitos momentos, uma tomada de consciência dessa disparidade e também uma postura de combate à desigualdade de gênero nos esportes, como visto por Figueira e Goellner (2013).

Nesse sentido, cabe levantar alguns questionamentos: quais são as razões dessa disparidade? O baixo número de praticantes e competidoras mulheres ocorre apenas devido a uma maior incidência de homens skatistas e surfistas nos circuitos locais? Como visto em campo, disparidade de gênero no skate e no surfe não passa despercebida para as mulheres que os tornam seus meios de subsistência e estilos de vida na capital sergipana; para confrontar essas circunstâncias, alguns coletivos foram criados por mulheres que visam eliminar, ou ao menos reduzir, essa desigualdade. Considerando esses fatores, uma das hipóteses que sustento neste trabalho é a de que há um interesse considerável por parte de entusiastas aracajuanas e sergipanas do skate e do surfe como esportes e estilos de vida; mas que, em virtude de diversas interdições causadas por padrões de gênero, essa participação ainda não é equânime.

Inicialmente, apresentarei minhas escolhas e percursos metodológicos no primeiro tópico deste artigo. No segundo tópico, *A presença feminina no surfe sergipano*, falarei de forma breve sobre como o skate surgiu no Brasil, como se dá a cena feminina de skate em Aracaju e quais os entraves e recursos discursivos que atravessam as praticantes desse

⁴ Alguns exemplos de revistas sobre esportes radicais voltadas para o público jovem são as revistas *Fluir*, *Overall*, *Visual Esportivo*, *Yeah!*, *Sky News* e *Vital Skate*, como visto por Fortes (2009).

⁵ "Nossa luta é ter mais mulheres andando de skate", diz skatista Vitória Mendonça. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/07/28/nossa-luta-e-ter-mais-mulheres-andando-de-skate-diz-skatista-vitoria-mendonca>. Acesso em: 04 jun. 2022.

⁶ Movimentos que incentivam prática do surfe por mulheres ganham cada vez mais força em SC. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/sc-mais/noticia/movimentos-que-incentivam-pratica-do-surfe-por-mulheres-ganham-cada-vez-mais-forca-em-sc.ghtml> Acesso em: 04 jun. 2022.

esporte/estilo de vida. Uma discussão similar será apresentada no tópico seguinte, *O skate feminino em Aracaju*. Em seguida, discutirei sobre como as categorias corpo e gênero podem ser analisadas a partir dos contextos situados aqui, no tópico *O corpo, o risco e os seus atravessamentos no surfe e no skate femininos*; bem como discutirei, em *Mobilizações e agências no surfe e no skate*, como a questão da agência pode ser acionada para pensarmos as possibilidades de intervenção das skatistas e surfistas no espaço público. Por fim, nas considerações finais, trarei um resumo do que foi abordado até então e apresentarei algumas reflexões sobre a temática.

Procedimentos Metodológicos

É importante situar, antes de propor as reflexões que me foram proporcionadas ao estudar as dinâmicas do surfe e do skate em Aracaju, os percursos que tracei enquanto pesquisadora e os diversos recursos e procedimentos metodológicos para recolher os dados aqui apresentados. Em um primeiro momento, busquei identificar mulheres surfistas e skatistas que frequentam espaços voltados a esses esportes em Aracaju; em seguida, mapeei alguns grupos e coletivos voltados à prática do skate e do surfe femininos na cidade e busquei coligir as informações recolhidas a partir desse estágio com a literatura especializada. Isso me possibilitou discutir como o skate e o surfe são entendidos como práticas esportivas e estilos de vida pelas mulheres que os praticam, bem como verificar se a prática de tais esportes e a vinculação aos coletivos atuam, efetivamente, como formas de reivindicação feminina do espaço público.

O contato com potenciais interlocutoras para a pesquisa se deu de duas maneiras: em um primeiro momento, estabeleci conversas com skatistas e surfistas locais que eu já conhecia. A escolha das interlocutoras se deu a partir de dois fatores: o primeiro eram relação das jovens entrevistadas com coletivos de surfe e/ou skate, se lideravam ou faziam parte de algum coletivo. O segundo fator diz respeito à adesão dessas mulheres ao surfe e ao skate enquanto estilos de vida; priorizei skatistas e surfistas que os praticassem com frequência e fizessem parte das redes de mulheres vinculadas a esses esportes. Em um segundo momento, o contato com essas praticantes desencadeou o estabelecimento de uma rede de contatos mais vasta: skatistas e surfistas já estabelecidas nos seus respectivos circuitos me indicavam outras figuras, configurando o chamado método bola de neve (Gil, 2021). No total, foram realizadas quatro entrevistas que levaram em conta as biografias

das interlocutoras, bem como suas respectivas trajetórias e embates vivenciados na prática do skate e do surfe em Aracaju.

Em síntese, os métodos utilizados foram a observação direta de espaços nos quais se praticam o skate e o surfe, a condução de conversas informais com surfistas e skatistas em Aracaju, a realização de entrevistas semi-estruturadas com interlocutoras surfistas e skatistas, e a utilização da “participação observante” - método desenvolvido por Loic Wacquant (2006), que busca trazer o corpo para o escopo da análise sociológica enquanto um canal de práticas e sensações que permitem ao pesquisador fazer constatações científicas sobre o campo.

Em um primeiro momento, visitei locais em Aracaju onde a prática do surfe é difundida (praias como Cinelândia, Havaízinho e Aruana), assim como pistas de skate nas quais jovens de diversas faixas etárias se reúnem para socializar e/ou andar de skate (B.I. Skatepark, Pista Cara de Sapo, Mosquito Skatepark, dentre outros). Essa etapa da pesquisa consistiu numa observação direta realizada nesses espaços, que, após a aproximação com surfistas e skatistas locais, me permitiu estabelecer o contato com possíveis interlocutoras e realizar entrevistas semiestruturadas com elas. As entrevistas foram elaboradas a partir de perguntas sobre as trajetórias das skatistas e surfistas com os seus respectivos esportes e as suas vivências enquanto mulheres nesse contexto. Em seguida, foram transcritas manualmente, de forma que as informações obtidas em campo pudessem ser revisitadas para a construção deste artigo.

Já a ideia de participação observante foi desenvolvida por Wacquant (2006) durante sua pesquisa etnográfica sobre um grupo de pugilistas norte-americanos, como uma inversão do conceito de observação participante tradicionalmente usado na pesquisa antropológica. Na pesquisa etnográfica, a observação participante ocupou um papel-chave nos primeiros estudos antropológicos, como, por exemplo, os estudos de Bronislaw Malinowski (1976) sobre as sociedades polinésias. Entretanto, como aponta Tim Ingold (2017, p. 221) “a observação participante é um modo antropológico de trabalhar, não um método para coletar dados etnográficos. Estudar antropologia é estudar com as pessoas, não fazer estudos sobre elas”.

Dessa forma, o fazer etnográfico ocupa um lugar de suma relevância na pesquisa social, sobretudo se o considerarmos um processo dinâmico que interage com as subjetividades do(a) pesquisador(a) e dos sujeitos da pesquisa - o que entra em consonância com a conceitualização clássica de Clifford Geertz (1989) ao entender a escrita etnográfica como uma “descrição densa”; e também com a afirmação de Pereira

(2010, p. 23), que observa que “por não ocupar um lugar definido, o etnógrafo, ou o antropólogo, pode transitar por diferentes lugares e tentar apreender diferentes interpretações do mundo social.”

Ao registrar as percepções corporais e todos os recursos que se tornam essenciais para a construção de um *habitus* pugilista, a participação observante proposta por Wacquant (2006) se tornou um recurso pertinente para estudar práticas percebidas a partir do corpo, como visto (e vivido) pelo autor. Wacquant (2006), nesses termos, enfatiza a importância de “tematizar a necessidade de uma sociologia não só do corpo, no sentido de objeto, mas também a partir do corpo, ou seja, desdobrando o corpo como ferramenta de investigação e vetor de conhecimento”. (Wacquant, 2006, p. viii, grifos do autor, tradução nossa).

Conceitualmente, a noção de *habitus* foi desenvolvida pelo sociólogo Pierre Bourdieu, que a definiu como uma série de dispositivos incorporados pelos sujeitos associados a determinados contextos sociais⁷. De acordo com Costa *et al* (2015, p. 3), esse conceito “permite aos pesquisadores explicar como e por que os agentes sociais concebem e (re)constroem o mundo social em que estão inseridos”.

Considerando que meu contato com os circuitos do skate e do surfe femininos se deu ao praticar esses esportes e que esta prática me possibilitou uma integração com as microculturas (Ferreira, 2008) que surgem em torno deles, a perspectiva de pesquisadora-praticante foi um recurso que busquei utilizar em minha abordagem etnográfica a fim de gerar uma aproximação com o campo. Dessa forma, o corpo pôde se tornar um referencial simultaneamente teórico e metodológico na minha posição enquanto pesquisadora.

Cabe reiterar que o uso participação observante conforme proposto por Wacquant (2006) enquanto um recurso metodológico para estudar esportes radicais, em especial o surfe feminino, já foi utilizado na autoetnografia proposta por Bandeira e Rubio (2011) no artigo “‘Do outside’: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano”. As autoras, após o seu processo de investigação, sustentam que

Aperfeiçoar a condição física, adquirir os gestos, sentir a dor da ação, o gosto salgado do afogamento, as torções do *caldo*, a aspereza da areia, incorporar as representações de oceano, saber ler a onda, entender os ventos, usar da tática, passar a *rebentação*, aprender na prática a lógica do surfe tornou-se essencial

⁷Esses contextos sociais, ou “mundos” sociais também são referidos pela literatura bourdieusiana como *campos*, que são definidos por Bourdieu (2004) como “mundos” sociais que apresentam leis próprias e cujos agentes estão em constante disputa. Em certo sentido, podemos interpretar as microculturas urbanas do skate e do surfe como campos, na medida em que certas normas e disputas responsáveis por posicionar os agentes se podem ser identificadas nessas realidades.

para fixar o fenômeno investigado em texto. (Bandeira; Rubio, 2011, p. 100, grifos das autoras)

Dessa forma, além de utilizar tais recursos para estudar o universo de práticas e signos associados ao surfe, essas estratégias metodológicas também podem ser estendidas para o campo do *skateboarding* na medida em que, nesse esporte/estilo de vida, também há um *habitus* incorporado por skatistas que modula suas formas de ser e estar no espaço público.

Em seguida, para analisar os dados obtidos em campo - em especial as entrevistas e os diários de campo - utilizei a análise de conteúdo conforme proposto por Minayo (2000). De acordo com a autora (2000, p. 308), a análise de conteúdo “parte de uma leitura de primeiro plano das falas, depoimentos e documentos, para atingir um nível mais profundo, ultrapassando os sentidos manifestos do material”. A partir desse recurso metodológico, foi possível extraír dos discursos e falas gravados alguns sentidos mais amplos sobre o que significa, para as interlocutoras, ser mulher nas práticas do surfe e do *skateboarding*, e ter um melhor entendimento das “teias de significados” (Geertz, ano) construídas por elas no âmbito dos estilos de vida associados àqueles esportes. Esse conjunto de métodos e técnicas de pesquisa me possibilitou, além disso, inferir que, independentemente do contexto estudado, “o trabalho de campo promove alterações significativas na subjetividade do pesquisador, em virtude do contato com uma alteridade que confronta sob vários aspectos seus valores e visões de mundo.”, como salienta Bittencourt (2011, p. 21).

Além das considerações postas acima, é importante falar sobre a relação entre o trabalho de campo e o estranhamento enquanto recurso metodológico. Na história das Ciências Sociais, esse recurso foi imprescindível para o percurso etnográfico de muitos sociólogos e antropólogos. Contudo, atualmente há novas abordagens sobre como ele pode ser mobilizado de acordo com o contexto do pesquisador. Assim, novas perspectivas de pesquisa social inauguraram, também, novas formas de estranhamento, como a proposta de Gilberto Velho (2018) sobre “estranhamento familiar”.

Nas minhas incursões em campo, foi necessário exercer esse “estranhamento do familiar” em alguns momentos, visto que sou uma surfista e skatista que estuda ambos os esportes/estilos de vida. Esse estranhamento se deu sobretudo nos momentos em que se fazia necessário exercer um olhar sociológico que me permitisse analisar as múltiplas dinâmicas sociais presentes nesses contextos. Como posto por Bittencourt (2011, p. 35), “a proximidade geográfica e cultural nos força a lançarmos mão da estranheza como

dispositivo metodológico. É preciso ‘estranhar o familiar’ para que a proximidade com nosso objeto não se torne um empecilho para o bom andamento da pesquisa.”

A presença feminina no surfe aracajuano

As primeiras movimentações do surfe como um estilo de vida e como uma prática esportiva mais popularizada, assim como as primeiras competições do Brasil, datam dos anos 1960 na cidade do Rio de Janeiro. Segundo Dias (2009, p. 258), “a gênese do surfe no Brasil, portanto, encontra-se no Rio de Janeiro, que foi onde a prática ganhou popularidade, gerou um mercado ao seu redor e finalmente, consolidou uma rede de atores que, dali em diante, adotariam o esporte como estilo de vida e marco formador de suas identidades”.

Cabe mencionar também que, no Brasil, o surfe ganhou uma adesão maior das classes médias e altas, visto que para o aprendizado do esporte são necessárias aulas particulares ou em grupo oferecidas por um profissional, bem como também é necessário certo poder aquisitivo para a compra do equipamento esportivo. Entretanto, isso não significa que o surfe brasileiro se restrinja a tais classes; há diversos exemplos de surfistas das classes populares cuja permanência no esporte se deu através de patrocínios e incentivos financeiros oferecidos por instituições como o Banco do Brasil e marcas de produtos esportivos, como a surfista cearense Silvana Lima, pioneira no surfe feminino competitivo brasileiro.

As Olimpíadas de 2020 (realizadas apenas em 2021 em virtude da pandemia de COVID-19) foram a primeira edição dos Jogos Olímpicos nas quais o surfe e o skate foram inseridos enquanto esportes olímpicos. Especificamente no surfe, o Brasil conquistou a medalha de ouro com a participação do surfista potiguar Ítalo Ferreira. Em 2023, a brasileira Tatiana Weston-Webb foi a primeira surfista classificada para os Jogos Olímpicos de Paris em 2024.⁸

Entretanto, a prática do surfe, tanto competitiva quanto na modalidade *freesurf*, possui uma predominância masculina histórica no Brasil. De acordo com Cruz (2015), há registros do surfe feminino no Brasil desde os anos 1960, no Rio de Janeiro; entretanto, “certos estereótipos em relação ao surfe feminino foram construídos no decorrer do

⁸ A informação foi retirada do portal de notícias Globo Esporte. Disponível em: <https://ge.globo.com/surfe/noticia/2023/04/18/tati-weston-webb-e-a-primeira-surfista-do-brasil-classificada-para-paris-2024.ghtml>

processo de institucionalização, notadamente de profissionalização da modalidade". Além disso, como nota a autora, outros entraves para além de uma rotina atlética afetaram as primeiras surfistas brasileiras: o comprometimento com o casamento e a maternidade afastaram muitas mulheres do surfe. Isso evidencia a necessidade de uma discussão sobre a presença feminina no surfe brasileiro.

Na cidade de Aracaju, objeto da minha pesquisa de doutorado, essa mesma predominância pode ser identificada. No último Circuito Sergipano de Surf, realizado em 2021, foram ofertadas diversas categorias para os competidores, sendo apenas uma voltada para a modalidade feminina. Em entrevista para o portal Globo Esporte, a criadora do coletivo Litoral Sergipe Por Elas, Camila Oliveira, aponta para um crescimento exponencial de 8 para mais de 80 surfistas locais desde o surgimento do grupo. Algo importante a ser pontuado é que, assim como o *skateboarding*, o surfe também assume um papel relevante na construção identitária das mulheres que o praticam, como posto por Camila em entrevista concedida para o presente trabalho:

Acho que o surfe pra mim é um estilo de vida, não é só um esporte, quando estou no mar me conecto com a natureza e é uma sensação indescritível. E como mulher foi bem difícil a interação, era muito preconceito, primeiro da família e depois dos próprios meninos dentro d'água. (Entrevista com Camila Oliveira, 2023)

Recebi relatos como os de Camila em outras entrevistas realizadas em campo, assim como em conversas informais estabelecidas em contextos relacionados ao surfe. O processo de inserção das mulheres no surfe em Aracaju, assim como historicamente no Brasil, se pauta em uma constante demanda por reconhecimento feminino nesses espaços. Assim como analisado por Figueira e Goellner (2011, p. 105) "embora pareça haver certa aceitação, o número ainda diminuto de surfistas mulheres, em comparação ao de surfistas homens, sugere que aquelas poucas que persistem correspondem às exceções de uma regra de resistência masculina". Essa questão pode ser vista no relato da *freesurfer*⁹ Helena Barbosa, que, apesar de ter experiência no *bodyboarding*, encontrou uma série de entraves para se inserir no surfe:

Sempre fui admiradora do esporte, e eu amo o mar também. Fiz meus 18 anos, fiquei mais independente, mas como eu estava num relacionamento abusivo, nem em sonho meu ex deixava eu tentar. Nesse período tentei voltar pro *bodyboard*, pra ele amadurecer a ideia, mas foi tanto estresse que eu vendi o meu. Então 6 anos depois, eu terminei esse relacionamento abusivo, e a primeira coisa que eu fiz foi comprar um pacote de 10 aulas de surf com o pessoal do Boca Brava¹⁰, que era conhecido da minha família já, pra dar aquela acalmada no

⁹ Surfistas que não participam de competições.

¹⁰ Surfshop localizada no bairro Atalaia, em Aracaju.

coração [risos]. Passei a morar perto da praia também, muitas coisas favoráveis... áí tive minha primeira aula em Março de 2022, com Lazinho, às 6 horas da manhã, na praia da Cinelândia. Eu nunca vou esquecer daquele dia. Significou tantas coisas pra mim... foi o marco da minha liberdade. E a primeira vez que eu fiquei em pé na prancha... eu me senti invencível! Foi um mix de tanta emoção boa, e adrenalina... e uma sensação de liberdade indescritível. Eu sentia que podia fazer tudo. (Entrevista com Helena Barbosa, 2023)

Pode-se ver, a partir dos relatos de Camila e Helena, que a prática do surfe está diretamente associada a uma busca por autonomia - seja ela material ou subjetiva. O ato de se inserir em um esporte tradicionalmente masculino, assim como de reivindicar a sua presença nesses espaços, tensiona moldes tradicionalmente pensados para o comportamento feminino, sobretudo ao considerarmos que essas mulheres estão cientes dos processos de exclusão que sofrem.

Como posto acima, parte da minha proposta metodológica consistiu em uma participação observante (Wacquant, 2006) em espaços de práticas do skate e do surfe em Aracaju. Para cumprir com essa etapa, escrevi alguns diários de campo que puderam servir como dados adicionais sobre a experiência feminina em ambos os esportes. Afinal, como propõe Wacquant (2006), o corpo do pesquisador também pode ser uma fonte de dados importantes. Abaixo, trago um trecho escrito em junho de 2022 sobre a minha experiência enquanto mulher e surfista:

Diferentemente do skate, que aprendi com a ajuda de amigos, precisei pagar por algumas aulas para aprender a surfar. Minhas primeiras aulas foram com uma professora; estávamos isoladas no mar, e ninguém interagia conosco embora, em alguns momentos, o mar estivesse cheio. Já as minhas primeiras experiências sozinha foram diferentes. Na segunda vez em que saí para surfar sozinha, fui abordada por um rapaz que, ao fim da sua *session*, se dirigiu a mim em tom de paquera em plena zona de arrebentação - o que me pareceu no mínimo estranho, visto que no mar estamos em constante estado de alerta para não sermos engolidos por alguma onda que surgisse desavisada. Detectei quatro surfistas até onde meus olhos podiam alcançar: dois estavam no *outside*, um entrava no mar e eu, mais uma vez, era a única mulher entre homens. (Diário de campo da autora, 2022)

É possível perceber, tanto através dos relatos das interlocutoras quanto do trecho do diário de campo citado acima, que a experiência no surfe é marcada por uma diferenciação de gênero que influencia na ocupação de espaços e em certas condutas, assim como pelas tensões que atravessam essa dicotomia.

A observação direta me proporcionou ainda mais detalhes, para além da experiência em primeira pessoa, sobre como essas dinâmicas se estendem para dentro dos

mares, os palcos da performance sobre as águas. No *outside*¹¹, a maioria masculina define quais ondas serão ocupadas pelos surfistas. Diferentemente do skate, não há uma fila em linha reta que indica qual praticante avançará primeiro nas ondas que se aproximam; os surfistas precisam se posicionar cuidadosa e espaçadamente para evitar acidentes graves que envolvam duas pessoas em uma mesma onda. E essa ordem de posicionamento, é claro, acaba por ser definida de maneira silenciosa pelos rapazes e senhores que ocupam o *outside*.

Em alguns casos que presenciei, além dos relatos das interlocutoras postos acima, essa mesma ordem poderia ser arbitrariamente desobedecida pelos próprios homens que a instituíram, configurando o ato conhecido por “rabeirada”. Esse ato de “rabeirar”, passar à frente da onda escolhida por alguém, é uma manobra de alto risco que pode ser interpretada como uma forma de violência simbólica que dita, de forma não-verbal, quem define os lugares que serão ocupados e desocupados durante uma sessão de surfe - e que, certamente, reproduz relações de opressão estabelecidas em terra firme. Como pontua Joice Berth (2023, p. 161), “toda e qualquer opressão se caracteriza por relações assimétricas de poder, ou seja, são relações de domínio e controle de corpos a serem explorados para fim de formação e sustentação de privilégios.” A seguir, discutirei como um processo similar ocorre também nos esportes/estilos de vida que se baseiam na prática do skateboarding.

O skate feminino em Aracaju

De forma resumida, a prática do *skateboarding* consiste em transitar por espaços sobre o skate (que é feito a partir do encaixe de uma prancha de madeira, conhecida como *shape*, com o *truck*, as rodas e os rolamentos) e também em executar manobras sobre o skate. No Brasil, a história do skate dialoga diretamente com o crescimento das culturas urbanas em cidades metropolitanas nos anos 1960 (Honorato, 2013). De acordo com Figueira e Goellner (2013, p. 244) “a prática do skate no Brasil data de meados da década de 1960. No entanto sua disseminação se deu a partir do final dos anos 1970, com a construção dos skateparks e a realização dos primeiros circuitos e campeonatos.”. O processo de esportivização do skate no Brasil também foi responsável pela difusão do

¹¹ *Inside* e *Outside* são termos técnicos do universo do surfe que dizem respeito às regiões dentro e fora da zona de arrebentação das ondas em cada mar. Os limites do *inside* e do *outside* podem variar de acordo com cada local.

mesmo enquanto simultaneamente um esporte e um estilo de vida, de acordo com Brandão (2008). Segundo o autor,

A partir do final da década de 1970, o skate começou o seu processo de esportivização no Brasil, sinalizado pelo surgimento de campeonatos amadores e profissionais que envolveram tanto a formação de circuitos estaduais e nacionais, quanto a constituição de associações e, posteriormente, de uma confederação de skate, a CBSK. Objeto de filmes, programas de televisão, revistas esportivas, livros, sites na Internet e tema em diversos produtos destinado ao público jovem, como roupas, capas de caderno e campanhas publicitárias, o skate vem consolidando-se no Brasil como uma atividade de lazer jovem, impulsionada pela indústria cultural, mas sendo geralmente praticado por uma camada menos favorecida economicamente. (Brandão, 2008, p. 6)

Entretanto, o processo de difusão do *skateboarding* enquanto prática esportiva e estilo de vida não se deu sem conflitos sociais. A popularização do skate por meio da adesão de jovens à prática nas ruas das cidades e também através da mídia presente nas revistas que entraram em circulação a partir dos anos 1970 e 1980 foi protagonizada sobretudo por homens, como posto acima. Essa hegemonia masculina no esporte, por sua vez, era responsável por propagar algumas posturas de exclusão das mulheres diante do skate - como a não existência de categorias femininas em competições de grande porte.

Giancarlo Machado (2018), em sua tese sobre a prática do skate e os desafios da citadinidade, reitera que, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha e encomendada pela CBSK em 2016, 81% dos praticantes de skate no Brasil eram homens. Como posto por autor em trabalhos anteriores,

No contexto histórico em que está fundamentado, a masculinidade sempre foi tida como referência, com os homens representados na condição de sujeitos. Isso pode ser comprovado por meio das representações e dos discursos que foram e estão sendo construídos desigualmente. As revistas especializadas em skate são bons exemplos. No Brasil, entre diversas edições publicadas ao longo dos anos pelos diferentes títulos, em apenas poucas ocasiões as mulheres apareceram na capa, sendo que em algumas delas o que era valorizado não era a prática do skate em si, mas a sensualidade e os atributos físicos. Além do mais, nas duas principais revistas em circulação 358, são reservados poucos espaços ao skate feminino. Fora desses espaços, que representam pouquíssimas páginas em uma publicação com mais de uma centena, nem sempre há fotos das mulheres em ação. (Machado, 2011, p. 254)

Durante os anos 2000, a skatista paulista Karen Jonz foi considerada uma pioneira em prol da inclusão das mulheres no skate, o que pode ser visto. Podemos tomar como

exemplo a célebre frase proferida por Jonz, que intitula o artigo escrito por Figueira e Goellner (2013): “quando você é excluída, você faz o seu”. Como posto pelas autoras,

é notória a posição de centro ocupada pelos homens, considerados como os referentes. As mulheres são as outras, estão à margem e, por assim ser, disputam posições e poderes, pois, como qualquer produto da cultura, o skate é um território pleno de embates, inclusive de gênero. Um espaço que demanda disputas por significação, visibilidade e, até mesmo, existência. (Figueira; Goellner, 2013, p. 245)

Figueira e Goellner (2013) também abordam o processo de profissionalização do skate no Brasil, que, assim como a popularização do estilo de vida relacionado ao esporte, se deu de forma majoritariamente masculina - o que mudou ao longo do tempo a partir de diversas iniciativas de inclusão femininas no esporte, desde a criação de blogs até a formação de associações como a Associação Brasileira de Skate Feminino (ABSFE) (Figueira; Goellner, 2013).

Posteriormente, assim como no surfe, as Olimpíadas de 2020 foram um marco importante para a difusão da prática do surfe e do skate no Brasil - afinal, foi a primeira edição do evento que contou com ambas enquanto categorias esportivas, nas quais o Brasil conquistou medalhas de ouro e prata, respectivamente. No skate, em específico, cabe mencionar uma figura que se tornou um ícone para jovens skatistas: a competidora Rayssa Leal, que conquistou o segundo lugar na modalidade *street*¹² e se tornou uma das maiores referências para o skate feminino contemporâneo no país.

Dessa forma, a prática do *skateboarding* ganhou notoriedade nos últimos anos no Brasil e no mundo. Como posto anteriormente, neste artigo tratarei especificamente da cena feminina do skate na cidade de Aracaju, que conta com aproximadamente sete pistas de skate utilizáveis. Na capital sergipana, é possível identificar um fenômeno semelhante nos circuitos de skate e surfe locais, sobretudo se considerarmos os níveis de representação feminina em competições. Espaços movimentados como a pista de skate Cara de Sapo, localizada na zona sul da cidade, e a B.I. Skatepark, na zona norte, são majoritariamente frequentadas por homens se comparados às mulheres e meninas. No último campeonato realizado pela loja Hope Skateboard, na pista Cara de Sapo, foram oferecidas duas categorias para a modalidade masculina (iniciante e amador) e apenas uma

¹² A modalidade *street* - que também se constitui como categoria em grandes competições - consiste em transitar e elaborar manobras a partir de recursos preexistentes no espaço urbano, como bancos, batentes, corrimões e o próprio asfalto. É uma das modalidades mais praticadas no âmbito do skate, já que não é preciso estar em uma rampa específica, *bowl* ou *skatepark*; a cidade se torna, por excelência, o espaço de prática do *street skateboarding*.

para a feminina, em virtude da baixíssima adesão de mulheres à competição, que contou com apenas cinco competidoras.

Durante a realização das entrevistas, alguns dos relatos que mais recebi das interlocutoras se referiam à dificuldade de transitar por espaços públicos sozinhas - no caso do skate, as pistas e sobretudo as ruas. Diversas interdições me foram mencionadas nesse sentido, como o cuidado com os horários em que se transitava por esses lugares e uma preocupação constante com estarem sozinhas em determinadas pistas ou praias. Estar sozinha, nesse sentido, acabaria por acentuar uma situação de vulnerabilidade na cidade, como é conhecido pela maior parte das mulheres que transitam por espaços urbanos no país.

Considerando essa questão, várias jovens (cuja faixa etária varia de 16 a 30 anos) buscaram se organizar em coletivos que facilitassem o trânsito dessas mulheres por espaços públicos, e que repercutiram de forma considerável nas redes sociais. Por exemplo, o grupo Cacto Girls Skateboard conta com mais de quinhentos seguidores no Instagram, plataforma em que são divulgados vídeos de praticantes locais, encontros e eventos realizados pelo coletivo. Já o grupo no WhatsApp Minas na Pista contava com cerca de vinte participantes no ano de 2022.

Como posto, as skatistas aracajuanas precisaram enfrentar alguns entraves vividos em ambientes esportivos. Em entrevista concedida para o presente artigo, a skatista, advogada e competidora Vitória Fortes compartilhou a sua experiência e apontou algumas sofridas enquanto mulher e skatista nesse cenário:

Ao mesmo tempo em que eu me sentia feliz por estar representando o meu estado, por ser a única menina, por estar representando em vários locais que eu participei de evento, em São Paulo, em Minas Gerais, em Salvador, em Recife, Maceió, no interior de Alagoas, em vários interiores que eu fui aqui [em Sergipe], era muito bom ter essa sensação de que eu estava carregando o meu estado pra fora, pra outros lugares, eu conheci várias pessoas, do país inteiro, e ao mesmo tempo era muito triste porque apesar de ser a única menina representando, ninguém me dava visibilidade. Tipo assim, tinham meninos que tinham apoio e tudo mais, tinha até um evento que era um circuito aqui, que se você ficasse no ranking (acho que era até quinto) você ganhava uma passagem pra ir competir o brasileiro em São Paulo. E quando chegou na minha vez de ganhar, basicamente teve um “problema de verba” e não sei o que lá, e que não levou ninguém. Então tipo assim, algumas coisas em vão, e todo esse trabalho que eu fiz basicamente não foi valorizado por que as marcas daqui de fato nunca me olharam - marcas que existem há mais de quinze anos, eu acho. (Entrevista com Vitória Fortes, 2023)

É possível perceber que a experiência de Vitória no skate em Aracaju foi marcada por uma constante reivindicação da sua posição nesses espaços enquanto jovem, enquanto

mulher e, também, enquanto mulher negra, como frisado em outro momento durante a entrevista. O corpo é, portanto, o principal canal por onde passam as vivências no skate enquanto prática esportiva e estilo de vida, sobretudo quando atravessado por marcadores de gênero e raça/etnia. Para contribuir com essa reflexão, trago, abaixo, um trecho de um dos diários de campo que escrevi sobre a minha experiência física enquanto pesquisadora e skatista, simultaneamente.

Eram oito horas da noite e eu era a única mulher entre mais de quinze homens. Acho que já me acostumei com esse tipo de situação. Percebi que nos horários em que a pista está cheia, minha presença parece ser mais facilmente percebida com olhares incomodados do que as de outros rapazes iniciantes. Há diferentes tipos de reação à minha presença na pista: há olhares de incômodo, de indiferença. Há quem resolva me "apadrinhar", quando percebem estou começando no esporte, e comece a me ensinar movimentos que já sei mesmo sem me conhecer. Sempre que levo alguma queda prontamente algum rapaz surge para me perguntar se estou bem; quando algum homem da pista cai, sua queda parece ser vista como algo corriqueiro. Há quem, também sem me conhecer, se dirija a mim para me explicar as regras de etiqueta da pista como se eu não as conhecesse. Aceito essas "contribuições" sem contestar, jogando um jogo onde progrido tecnicamente enquanto refleti: será que o mesmo acontece entre homens? (Diário de campo da autora, 2022)

Assim como os relatos de Vitória, Camila e Helena, a minha experiência enquanto surfista e skatista também foi atravessada pelo fato de ser uma mulher nesses espaços. Nessa toada, há uma diversidade de elementos que podem ser discutidos ao pensarmos a um nível socioantropológico a experiência feminina em tais esportes radicais.

Assim como no surfe, a observação das dinâmicas sociais nas pistas de skate em Aracaju também me permitiu refletir sobre o duplo processo de disputa enfrentado pelas skatistas nos espaços em que transitam, enquanto mulheres na rua e no skate. Como posto acima, há formas de se entrar e sair das pistas, assim como há comportamentos nesses espaços que reproduzem dinâmicas socialmente construídas fora dos territórios do *skateboarding* que estabelecem posições de sujeito específicas para as mulheres que ali se inserem. Elas nem sempre são prioridades nas filas das rampas; são observadas com mais atenção, principalmente quando destoam da maioria masculina nas pistas. E, a partir de atos mais ou menos explícitos, aprendem que ali ocupam a posição de um Outro¹³ (Beauvoir, 2008) longe dos holofotes da prática esportiva. Nesse contexto, o corpo passa a ser o principal veículo de internalização de dinâmicas de opressão, bem como de

¹³ No clássico dos estudos feministas *O Segundo Sexo: fatos e mitos*, Simone de Beauvoir (2008) propôs uma discussão, no campo da filosofia, sobre como as sociedades ocidentais construíram a imagem da mulher como um sujeito à parte da figura masculina ontologicamente classificada como o sujeito “neutro”.

estratégias e táticas (Certeau, 1998) que respondam a essas opressões. A seguir, buscarei situar como o corpo ocupa um lugar relevante para pensarmos essas questões.

O corpo, o risco e os seus atravessamentos no surfe e no skate femininos

Como visto desde Mauss (2017), todas as sociedades possuem um conjunto de técnicas que se manifestam através do corpo, podendo variar de acordo com padrões de gênero, posições sociais, profissões etc. Os esportes, segundo o autor, podem ser entendidos como técnicas da atividade e do movimento (Mauss, 2017, p. 436). Com base nessas constatações e partindo do entendimento de que o corpo é um vetor semântico pelo qual a relação com o mundo é construída (Le Breton, 2017), pode-se analisar as diversas relações entre o material e o simbólico estabelecidas por meio da prática de esportes.

Nesse sentido, é importante situar que a perspectiva de pesquisadora-praticante também me proporcionou uma série de reflexões preliminares sobre o processo de construção de um *habitus* skatista/surfista - algo similar ao que Wacquant (2006) propõe ao conceituar o *habitus* pugilista.

De acordo com Costa e Murphy (2015),

Com o *habitus*, Bourdieu tentou acessar comportamentos, percepções e crenças internalizadas que os indivíduos carregam consigo e que, em parte, são traduzidos nas práticas que transferem de e para os espaços sociais em que interagem. O *habitus* é, assim, mais do que experiência acumulada; é um processo social complexo em quais disposições individuais e coletivas sempre estruturantes se desenvolvem na prática para justificar as perspectivas, valores, ações e posições sociais dos indivíduos. Tão importante quanto isso, o *habitus* pode ser visto tanto como um agente de continuidade e tradição quanto como uma força de mudança. (Costa; Murphy, 2015, p. 4, tradução da autora)

Como podemos, então, pensar um *habitus* skatista e surfista na cidade de Aracaju? Acredito que, assim como o *habitus* pugilista estudado por Wacquant, o *habitus* surfista/skatista se baseia em um processo de incorporação de signos socialmente construídos no contexto dessas práticas esportivas. Esse processo envolve desde as técnicas aprendidas nas pistas e nos mares - como ficar de pé na prancha de surfe, manter o equilíbrio no *shape*, realizar manobras - quanto outros recursos, como a utilização de um vocabulário específico do universo do surfe e do skate, a adoção de um vestuário comum a tais estilos de vida e, também, toda uma percepção da prática do skate e do surfe enquanto performance. Essa performance implica em uma reprodução de formas de se

chegar e sair das pistas e dos mares que geralmente são apreendidas a partir do convívio com skatistas e surfistas mais experientes, que dominam os signos ali estabelecidos.

Além disso, as discussões teóricas proporcionadas por Bourdieu também nos permitem investigar como, a partir da prática esportiva, podem ser perpetuadas diversas relações de poder. Ou, como posto por Souza e Marchi (2017, p. 245), “como o esporte é apropriado a partir de uma economia simbólica peculiar que atualiza as divisões do mundo social e, muitas vezes, reforça mecanismos de dominação”. Esse fenômeno pode ser visto com clareza nos relatos das surfistas e skatistas trazidos acima.

Além das reflexões propostas acima, as contribuições de Le Breton (2009) e La Mendola (2005) também são importantes para entender a relação entre corpo, sociedade e a adesão voluntária a condutas de risco - categoria na qual os esportes radicais são inseridos por alguns setores da literatura especializada. Le Breton (2009), em *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver* traz uma série de reflexões para pensarmos essa adesão. Segundo o autor, as “paixões físicas e esportivas radicais” trazem consigo uma espécie de jogo simbólico com a morte. Mais precisamente,

As sensações assim experimentadas são tão mais procuradas quanto mais o resto da vida for pacífico, tranquilo, protegido de todo o imprevisível, a existência familiar e profissional protegida de todo tipo de temor. O discurso leigo sobre as atividades físicas e esportivas de risco insiste na falta de estímulo que pesa sobre existências superprotegidas pelos regulamentos sociais e pelo conforto técnico de nossas sociedades. (Le Breton, 2009, p. 94).

Podemos associar a experiência feminina às “existências superprotegidas pelos regulamentos sociais” citadas por Le Breton (2009). Conforme já discutido por outros autores, como Barros (2020), as mulheres foram (e ainda são, em determinados recortes sociais) limitadas aos ambientes privados e domésticos. Nesse sentido, a possibilidade de inserção em circuitos de esportes radicais como o skate e o surfe pode significar uma ruptura com tais regulamentos sociais. O corpo passa a ser o principal canal dessa ruptura; a partir de novos sentidos aplicados às práticas corporais femininas, as skatistas e surfistas tensionam noções pré-estabelecidas sobre condutas de gênero.

Podemos entender mais profundamente tais dinâmicas de exclusão dos corpos femininos no esporte a partir do conceito de tecnologia de gênero pensado por Teresa de Lauretis (2019). A autora elaborou esse conceito a partir da noção de tecnologia sexual proposta por Michel Foucault; ao entender o gênero como parte dessa sistemática, de

Lauretis (2019, n. p.) entende as tecnologias de gênero como “técnicas e estratégias discursivas por meio das quais o gênero é construído”. Ou seja, essas tecnologias são papéis sociais instituídos historicamente.

Como posto por Lauretis (Hollanda, 2019, n. p.), o sistema sexo-gênero é “tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico”. Dessa forma, os papéis socialmente impostos às mulheres e as posições ocupadas pelas mesmas no tecido social são reforçadas por recursos simbólicos instituídos em espaços públicos e privados. Nos espaços públicos, foco da presente investigação, há “toda uma simbologia que se estabelece em conjunto com essa prática urbana que consolida a mensagem oculta: ‘Esse lugar não é para você’”. (Berth, 2023, p. 51)

Nesse sentido, é possível elaborar uma série de discussões sobre as relações não apenas entre corpo e esporte, mas também entre corpo e gênero no contexto das reivindicações políticas femininas no espaço público, como discutido por Sorj e Gomes (2014), quando pontuam que

Para as gerações contemporâneas, o corpo assume um significado mais amplo. Ter autonomia sobre o corpo extrapola o tema do controle da reprodução e da saúde e a articulação de políticas públicas correspondentes, e passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescinda de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo. (Sorj; Gomes, 2014, p. 438).

É interessante salientar que, a partir das experiências recolhidas em campo e apresentadas neste artigo, pode-se ver que o surfe e o skate transcendem a categoria de simples atividades esportivas e se tornam parte das identidades das mulheres que os praticam. As identidades, como posto por autores como Hall (2013), Woodward (2014), Ennes e Marcon (2014), são processos relacionais, baseados nas experiências de reconhecimento dos sujeitos sociais enquanto parte de determinadas categorias também determinadas socialmente. Considerando essas reflexões e também as contribuições de Hebdige (1979) para pensar os estilos de vida como práticas de significação coletivas, podemos pensar no skate e no surfe como estilos de vida que definem, ainda que parcialmente, as formas das interlocutoras deste trabalho se posicionarem nas suas respectivas realidades sociais.

Dessa forma, a partir da vinculação a coletivos e outros mecanismos de ação em grupo, pude observar que tanto as surfistas quanto as skatistas buscaram responder às tensões experimentadas em ambientes majoritariamente masculinos a partir da

reivindicação da sua presença enquanto uma identidade que também deve ser validada - o que se relaciona diretamente com a questão da agência, que discutirei adiante.

A questão da agência no surfe e no skate

As discussões em torno da noção de agência, como posto acima, ocupam um papel central no meu processo de análise sobre as dimensões das estratégias de reivindicação da presença feminina no skate e no surfe aqui estudadas. Utilizo as proposições de Sherry B. Ortner (2006) em torno da agência como uma série de disposições incorporadas por sujeitos sociais voltadas à capacidade de realização de projetos culturalmente definidos. Esse conceito é útil para compreender de que formas as skatistas e surfistas que compõem o meu objeto de pesquisa contestam espaços predominantemente masculinos e consolidam sua inserção nos circuitos locais.

Ainda no âmbito das reflexões sobre agência, o conceito de agências estetizadas, desenvolvido por Marcon (2019), também cabe nesta análise, visto que possibilita uma compreensão do fenômeno de ocupação do espaço público por parte das skatistas e surfistas como um ato sobretudo político, ao constatar que “o visual, o sonoro, a escrita e as performances são linguagens ou agências de ação estética predominantes nas práticas de ativismos juvenis na última década” (MARCON, 2019, p. 192). Essas agências podem ser entendidas como

Revista Diversidade e Educação

formas de ação, de narrativa e de comunicação que emergem da intencionalidade das expressões sensíveis dos sujeitos, negociadas entre quem as produz e quem as consome, ou entre quem as propaga e quem as recebe, considerando que ambos são produtores de sentido neste processo (Marcon, 2019, p. 193).

Além das discussões sobre a agência enquanto conceito, também podemos analisar a inserção das mulheres no surfe e no skate a partir da noção de “táticas” proposta por Michel de Certeau (1998). Segundo o autor, a tática seria uma “arte do fraco”, uma resposta de sujeitos socialmente desfavorecidos para responder a dinâmicas de opressão estabelecidas no espaço público. Ou, como situa Leite (2002, p. 122), “táticas” seriam “movimentos heterogêneos e imprevisíveis em espaços que não lhes são ‘próprios’”.

A questão da agência também se associa intimamente com a ação coletiva. Diversos estudos das Ciências Sociais (Santos, 2017; Galvão, 2021; Brasil, 2015) já se debruçaram sobre o papel dos coletivos enquanto modalidades de reivindicação de certas pautas por parte da sociedade civil. Quando pensamos no esporte - e sobretudo na

presença feminina neles, que é uma reivindicação relativamente recente na sociedade brasileira, e em práticas como o skate, que já foram proibidas em certos locais do Brasil - essa ação coletiva se torna um recurso ainda mais proeminente para o reconhecimento de certos grupos sociais nesse contexto. Podemos ver isso no relato da interlocutora Camila sobre a criação do coletivo de surfistas Litoral Sergipe por Elas:

Os homens não respeitam a gente no mar, é muito difícil a gente conseguir ter nosso espaço no mar, na maioria estamos na onda e o cara “rabeira”¹⁴ a onda e olha pra você e diz: “achei que você não ia ter remada pra entrar”. Criei um projeto de surfe feminino e cada vez mais tinha mulheres na água, daí começamos a impor nosso espaço e ganhar o respeito deles. Hoje surfamos de igual pra igual, não baixamos a cabeça e quando a vez da onda é nossa, gritamos “é minha!” e vamos sem medo. (Entrevista com Camila Oliveira, 2023)

Dessa forma, ao pensarmos em agência, mesmo que este termo implique conceitualmente em condutas estabelecidas individual e subjetivamente pelos sujeitos sociais, é de suma relevância que consideremos, também, o poder da ação coletiva como um catalisador de múltiplas agências que se estabelecem nos espaços públicos. Uma das falas de Camila evidencia a potência da ação coletiva nesse sentido: “Hoje tem muito mais movimento e muito mais mulheres, quando comecei surfavam 8 em todo o litoral sergipano, hoje temos mais de 60 meninas praticantes em todo estado.”

Entretanto, há uma perspectiva que deve ser acionada para investigarmos com mais profundidade as dinâmicas de opressão vividas pelas mulheres e meninas que se associam ao surfe e ao skate em Aracaju: a da interseccionalidade. A interseccionalidade é uma categoria de análise imprescindível para compreendermos como diversos marcadores sociais, étnicos e identitários influenciam as experiências de vida de diversos sujeitos. De acordo com Heloisa Buarque de Hollanda (2019), este termo surgiu na área jurídica a partir das contribuições da professora e pesquisadora Kimberlé Crenshaw, configurando-se como “o estudo de como a sobreposição ou a intersecção de identidades sociais, particularmente das identidades minoritárias, são diretamente relacionadas aos sistemas e estruturas da dominação e da discriminação” (Hollanda, 2019, n. p.). No Brasil, essa noção foi incorporada aos trabalhos de teóricas como Sueli Carneiro (2019) e Lélia González (2019) para pensar as múltiplas categorias (como classe e raça) que atravessam

¹⁴ “Rabeirar”, como dito no vocabulário do surfe, significa entrar à frente de alguém em uma onda, gerando riscos para quem estiver próximo. É uma prática comum em contextos de localismo - a imposição de uma identidade territorial (Lima, 2011) de surfistas locais sobre não-locais, e também em contextos de machismo.

as relações objetivas e subjetivas femininas, pelo questionamento da universalidade da noção de mulher.

No caso das surfistas e skatistas aracajuanas, visto que o recorte de gênero atinge a todas as interlocutoras, cabe considerar aqui outras categorias como geração, classe e raça/etnia. A história de Vitória nos oferece um relato importante para a compreensão de como a vivência enquanto mulher negra no circuito de skate exerce um impacto direto na distribuição de oportunidades profissionais nesse contexto. A situação vivida pela interlocutora em um campeonato durante a adolescência evidencia essa questão:

No início da minha carreira do skate, acho que foi em 2015, teve outro Circuito Vida Alegre lá no Bairro Industrial que veio pessoas de fora, de Maceió. E aí era uma galega¹⁵, e quando é circuito eles geralmente mostram na TV. [...] E aí quando chegou o pessoal no dia do evento, chegou uma equipe de jornalismo e só chamou a menina que veio de fora. [...] Ela viu essa situação acontecer e depois até falou comigo, mas o que aconteceu foi: essa equipe de jornalismo chegou, gravou a menina galega, conversou com ela sobre o skate, como era, etcétera e tal, e no final das contas, quando o evento acabou, eu ganhei o campeonato. Eu ganhei as três etapas do campeonato, tenho os troféus até hoje. E eu fiquei tipo: “poxa, velho, não importa o que a pessoa faça, se eu não sou branca não vai valer de nada, entendeu? A gente tem que o tempo todo mostrar, reafirmar o nosso valor, o que é que a gente faz, que isso vai ser independente da nossa cor, mas infelizmente a cor tá muito presente e às vezes as pessoas vão tentar tirar você daquele lugar só pela sua cor, que foi o que aconteceu comigo. (Entrevista com Vitória Fortes, 2023).

A classe também é um recurso importante para analisarmos as trajetórias de skatistas e surfistas que podem chegar ou não se profissionalizar nos esportes; pode ser uma facilitadora da aquisição de materiais e aulas que possibilitem a progressão no esporte, para skatistas e surfistas que têm origens mais abastadas, assim com um impedimento para as esportistas das classes populares. Neste caso, em muitos momentos, o patrocínio oriundo de *surfshops* e *skateshops*, assim como de outras organizações, é um pilar fundamental para a permanência dessas mulheres no esporte.

A questão geracional também é um elemento que merece ser frisado nesta discussão. Ao observar as pistas de skate e as praias, pude perceber que o skate e o surfe enquanto práticas esportivas e estilos de vida apresentam um recorte marcadamente juvenilizado. O que não implica dizer que não existem surfistas e skatistas que já saíram da adolescência/juventude, mas que a difusão dessas práticas se dá de forma substancial nas faixas etárias onde se experimentam novas sensações físicas, novas formas de se viver e perceber o mundo, como estudado por diversos autores da Sociologia e da Antropologia das juventudes (Diógenes, 2020; Marcon, 2019; Ferreira, 2008).

¹⁵ Termo popularmente utilizado para se referir a pessoas brancas e/ou loiras.

Cabe frisar, também, que adolescentes e jovens são o público-alvo de todo um mercado de consumo que foi estabelecido nesse âmbito a partir da chegada do skate e do surfe no Brasil. Dessa forma, como já discutido aqui, os coletivos são espaços nos quais as surfistas e skatistas aracajuanas validam as suas identidades e se tornam recursos potentes de reivindicação da sua presença enquanto categoria nas pistas e nos mares.

Considerações Finais

Atualmente, mais do que esportes orientados por regras específicas, há uma série de hábitos, códigos, condutas, padrões de consumo e mesmo visões de mundo compartilhados para além das praias ou *skateparks*¹⁶: a prática do surfe e do skate também se torna um estilo de vida (Hebdige, 1979; Bittencourt, 2011) para muitos daqueles que os praticam. A partir da observação desses estilos de vida e da experiência direta enquanto praticante do surfe e do *skateboarding*, pude concluir que a partir deles surgem novas formas de apropriação e ressignificação do espaço público - bem como uma estética compartilhada por skatistas e surfistas que se reflete na moda, na linguagem corporal, no vocabulário, nas referências midiáticas feitas por e para esses grupos. Contudo, mesmo dentro dessas culturas urbanas há práticas de exclusão das mulheres de diversos espaços - como percebido nos processos de observação direta e também nas entrevistas com as interlocutoras. Ser mulher no surfe e no skate é, também, lidar com algumas interdições.

Essas interdições se tornam ainda mais visíveis quando pensamos na inviabilidade do espaço público para os corpos femininos, como já visto por Barros (2020) ao constatar como as cidades - e, com isso, os espaços públicos - são planejados a partir de referenciais masculinos. Nesse sentido, a ação coletiva pode atuar como facilitadora da presença feminina no skate e no surfe; sobretudo se considerarmos como os corpos femininos foram socialmente construídos para “pertencer” ao âmbito privado, como constatado por Barros (2020) e outros autores. Como posto pela interlocutora Helena, “o surfe é um esporte muito machista ainda, eu sinto isso, não me incomoda porque da mesma forma que eles se unem, os homens, a gente também, e é muito gostoso [ver] a mulherada na água” (Entrevista com Helena Barbosa, 2023)

Com base nestas observações, a adesão voluntária a práticas esportivas majoritariamente realizadas por homens (e que representam certas condutas de risco)

¹⁶ Como são chamadas as pistas de skate por seus praticantes.

poderia configurar uma ruptura com diversos papéis de gênero estabelecidos para as mulheres - constituindo, com isso, suas próprias “artes de fazer”.¹⁷ Por fim, também pude concluir que um elemento fundamental para uma compreensão sociológica da inserção feminina no surfe e no skate aracajuanos é a agência. A partir desse recurso, torna-se possível para as surfistas e skatistas responder às múltiplas tecnologias de gênero direcionadas a elas enquanto mulheres e sujeitos sociais.

Nesse sentido, a discussão em torno da importância dos coletivos femininos no surfe e no skate também pode dialogar com a necessidade de políticas públicas aplicadas a esse contexto. Considerando que os coletivos em diversos momentos podem atuar como espaços de mobilização de pautas levantadas pela sociedade civil (Galvão, 2021), foi possível perceber que grupos passam a atuar em prol da presença feminina em ambos os esportes como forma de preencher uma lacuna construída socialmente e reforçada por uma possível ausência do Estado frente a essas questões. Dessa forma, considerando a importância de um diálogo entre pesquisa e sociedade, as reflexões propostas neste trabalho podem ajudar a trilhar novos caminhos ao pensarmos as relações entre gênero e esporte.



Referências

- BANDEIRA, Marília; RUBIO, Kátia. “Do outside”: corpo e natureza, medo e gênero no surfe universitário paulistano. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.25, n.1, p. 97-110, jan./mar. 2011.
- BARROS, Erna. “Uma cidade muda não muda”. *Mulheres, graffiti e espaços urbanos hostis*. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.
- BEAUVROIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BITTENCOURT, João Batista de Menezes. *Sóbrios, firmes e convictos: uma etnografia dos straightedges em São Paulo*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. Program for a Sociology of Sport. *Sociology of Sport Journal*, 1988, n. 5, pp. 153-161.

¹⁷ Como coloca Michel de Certeau (1998), ao definir como são criadas situações nos meios urbanos.

BRANDÃO, Leonardo. Entre a marginalização e a esportivização: elementos para uma história da juventude skatista no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 35, n. 1, p. 95-112, jan./mar. 2013

BRASIL, Wener da Silva. *O Coletivo Fora do Eixo: juventude organizada, produção, circulação e consumo cultural*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2019.

CAMPOS, Ricardo. Juventude e visualidade no mundo contemporâneo. In: *Sociologia, problemas e práticas*. n. 63, 2010, p. 113-137.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

COSTA, Cristina; MURPHY, Mark. Bourdieu and the Application of Habitus across the Social Sciences. In: Bourdieu, *Habitus and Social Research*, 2015.

CRUZ, Ana Carolina Costa. *Primeiras competidoras do surfe carioca: década de 1960: Trajetórias de três mulheres da década de 1960*. [s.l.] Novas Edições Acadêmicas, 2015.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2019.

DIAS, Carlos Augusto. Novas conformações do campo esportivo: os esportes na natureza. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade (orgs). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. O Surfe e a moderna tradição brasileira. *Movimento* (ESEFID/UFRGS), v. 15, n. 4, p. 257–286, 2010.

DIÓGENES, Glória. Diagramas da Juventude Contemporânea: Artes e Astúcias de Reinvenção na Cidade. In: BITTENCOURT, João (org). *Juventudes Contemporâneas: Desafios e Expectativas em transformação*. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

FERREIRA, Victor Sérgio. Ondas, cenas e microculturas juvenis. *PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP*, São Paulo, v.15, 2008, pp. 99-128.

FORTES, Rafael. Os anos 80, a juventude e os esportes radicais. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade (orgs). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. Notas sobre surfe, mídia e história. *Recorde: Revista de História do Esporte*. v. 1, n. 2, dez. 2008.

_____; MELO, Victor; DIAS, Cleber. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 49, p. 112-128, jan-jun. de 2012.

GALVÃO, L. *Juventudes e políticas públicas na Grande Aracaju: os coletivos MUDE e Socorreria Arte Urbana*. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

_____ ; MARCON, Frank Nilton. Práticas culturais juvenis e a cidade como locus de ação política e disputa de sentidos sobre o espaço público. *Ponto Urbe*, n. 31, 2023.

_____ ; _____. Juventudes, Coletivos e Políticas Públicas em Sergipe. *Revista Mundaú*, n. 10, p. 92–116, 2021.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GLOBO ESPORTE. Tati West é a 1ª surfista do Brasil classificada para Paris 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/surfe/noticia/2023/04/18/tati-west-e-a-1a-surfista-do-brasil-classificada-para-paris-2024.ghtml>. Acesso em: 24/10/2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Imagens da mulher no esporte. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade (orgs). *História do Esporte no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____ ; FIGUEIRA, Márcia. “Quando você é excluída, você faz o seu”: mulheres e skate no Brasil. *Cadernos Pagu*. n. 41, jul/dez 2013. pp. 239-264.

_____ ; _____. Skate e mulheres no Brasil: fragmentos de um esporte em construção. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 30, n. 3, 2009.

GONZÁLEZ, Lélia. A categoria político-cultural da Amefricanidade. HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2019.

GONZÁLEZ, S. "Não vamos parar de andar de skate, ninguém solta a mão de ninguém!": *skate e suas relações de gênero no processo de participação esportiva*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

HEBDIGE, Dick. *Subculture: the meaning of style*. London & New York: Routledge, 1979.

HONORATO, Tony. A esportivização do skate (1960-1990): relações entre o macro e o micro. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 35, n. 1, p. 95–112, 2013.

INGOLD, Tim; ALMEIDA, Rafael Antunes. Antropologia versus etnografia. *Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)*, v. 26, n. 1, p. 222–228, 2018.

LA MENDOLA, Salvatore. *O sentido do risco*. Tempo Social, v. 17, n. 2, nov. 2005.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

_____. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Editores Associados, 2009.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. 5. ed. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro Editora, 2011.

LEITE, Rogério Proença. Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 17, n. 49, jun. 2002.

_____. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracaju, SE: Editora UFS, 2007.

LIMA, R. *Atitudes e percepções na construção de territórios identitários: o Bairro Bugio em Aracaju/SE*. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MACHADO, Giancarlo. *De “carinho” pela cidade: a prática do street skate em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da citadinidade. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, José Guilherme. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, n. 17, v. 2, nov. 2005.

MAIA, Gretha Leite. A Juventude e os Coletivos: como se articulam novas formas de expressão política. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*, v. 8, n. 1, p. 58, 2013.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARCON, Frank. Agências estetizadas: Juventudes, mobilizações e ativismos em Angola. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, Uberlândia, v. 9, n. 2, 2019.

_____; GALVÃO, Letícia. Juventudes, coletivos e políticas públicas em Sergipe. *Revista Mundaú*, v. 10, p. 92-116, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

ORTNER, Sherry. Power and Projects: Reflections on Agency. In: *Anthropology and Social Theory: culture, power, and the acting subject*. London: Duke University Press, 2006.

SANTOS, J. “As manifestações de junho de 2013 pra gente não acabou”: um estudo sobre as formas de contestação no Coletivo Debaixo em Aracaju. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

UVINHA, R. R. *Juventude, lazer e esportes radicais*. Barueri, São Paulo: Manole, 2001.

VELHO, Gilberto. KUSCHNIR, Karina (orgs.) *Pesquisas urbanas: desafios do trabalho antropológico*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

WACQUANT, Loic. *Body & soul: notebooks of an apprentice boxer*. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2006.

WARSHAW, Matt. *The History of Surfing*. [s.l.]: Chronicle Books, 2011.

Recebido em outubro de 2023.

Aprovado em dezembro de 2023

